
A narrativa de kama-wěéri kití
A origem das doenças e males sociais
Povo indígena Tuyuka (alto rio negro, noroeste amazônico)

Silvio S. Barreto¹

Resumo: O presente artigo aborda uma literatura que tem tópicos amplos e complexos dos conhecimentos da categoria de especialista do Alto rio Negro. Dois pajés foram convocados pelo Chefe da Casa de Ritual para confecção dos cocares para serem usados no dia da festa, ao período de lagartas comestíveis. A princípio ocorreu quebra de tabus alimentares e não foram ouvidos os conselhos, surgindo vários os tipos de doenças e males sociais que se espalharam em todo universo. Tratando-se a origens e da assepsia das frutas e dos peixes para consumo, para isto, o Pajé aciona uma eficiência simbólica para ter uma boa da saúde. A abordagem metodológica foi uma construção a partir da escuta dos especialistas em narrar as histórias antigas, por meio de perguntas semiestruturadas e fechadas na língua indígena Tukano, segundo costume local.

Palavras-chave: Índios Tuyuka -Doenças -Tabus - Benzimentos

Abstract: This article addresses the literature that has broad and complex topics of knowledge in the specialist category of the Upper Rio Negro. The two Dois pajés were summoned by the Head of the Casa de Ritual to make headdresses to be used on the day of the festival, during the period of edible caterpillars. At first there was a breach of food taboos and the advice was not heard, which resulted in the emergence of various types of diseases and social ills that spread throughout the universe. and, that in terms of the origins and asepsis of fruits and fish for consumption, for this, the Pajé triggers a symbolic efficiency to have a good health. For The methodological approach was a construction of data based on listening to specialists in narrating ancient stories, through semi-structured and closed questions in the Tukano indigenous language, according to local custom.

Keywords: Índios Tuyuka -Doenças -Tabus - Benzimentos

Introdução

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas-PPGAS/UFAM; Membro do Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena-NEAI/PPGAS; representante do Colegiado Indígena - COLIND. Bolsista da CAPES. Endereço Institucional: Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, nº 3.000, Campus Universitário – Coroadó I, Manaus-AM; E-mail: basasi@bol.com.br.

A narrativa de *Kama-wěéri kití* foi narrada pela Dona Francisca Sanches para pesquisa de doutorado. A primeira parte descrevendo dois irmãos que foram solicitados pelo chefe da Casa Coletiva para confecção dos cocares, a serem usados no período de lagartas comestíveis. Porém, o irmão menor havia quebrado *be'tíse* (tabus alimentares), tomando banho no rio e comendo peixes moqueados, sem antes da assepsia alimentar nem da proteção.

A segunda parte foi clímax da narrativa trazendo uma solução dramática. O irmão maior e da Casa Coletiva, a princípio era para eliminá-lo, pois ninguém aguentava de dar de comer do peixe mal-assado. O excesso de consumo deu a origem ao estado de engorduramento para irmão menor, ficando obeso e, assim surgindo vários os tipos de peixes com substâncias prejudiciais para a saúde. Os peixes com doenças e males sociais! No entanto, os peixes acabaram se espalhando em todos os rios do universo.

A terceira parte menciona a origem das frutas comestíveis como a ucuqui, abacaxi, cucuras, pimentas e de *wa'ũ mu'tu* (cucura do mato). Porém, essas frutas contêm ácidos e foram usadas para sangrar a língua do Kama-wěéri. Finalmente, o leão do rio abaixo veio e estilhaçou a cabeça de Kama-wěéri e, assim, o irmão maior foi recuperado e volta à vida na Casa Coletiva. Assim puderam tomar seu *peêru* (bebida fermentada), tomando *kapí* (certa planta alucinógeno da família das malpighiáceas) e dançaram os rituais de *kapiwaya* (ritual de danças quando estivessem embriagado da bebida alucinógeno) usando os cocares confeccionados pelos dois irmãos no período de lagartas comestíveis.

Especialistas de narrar as histórias antigas

Umupô: nome de benzimento do Senhor Benedito Meireles Dias, 86 anos, *basedor* (benzedor), indígena da etnia Miriti Tapuia. Especialista em benzimento para proteção, recuperação e das curas do universo indígena. Nascido na antiga Comunidade Península Bem-Ti-Vi do rio Tiquié, um dos afluentes do rio Uaupés no Distrito de Taracúá, Município de São Gabriel da Cachoeira/Amazonas.

Yosokamô: nome de benzimento da Dona Francisca Sanches, 70 anos. Indígena do povo Tuyuka. Parteira e especialista de narrar às histórias antigas. Nascida na Comunidad Trinidad, rio Tiquié/Colômbia, mas que cresceu em Pari Cachoeira, no Município de São Gabriel da Cachoeira, AM. Este casal são meus pais e colaboradores de minha pesquisa. Atualmente, eles moram na sede do Município de São Gabriel da Cachoeira.

Forma de abordagem

Na cozinha do Sítio Itaiçu, no médio rio Tiquié, afluente do rio Uaupés, em São Gabriel da Cachoeira/Am, à noite nos reuníamos para uma roda de conversa noturna, onde estava o Senhor Benedito Meireles Dias, Dona Francisca Sanches e, eu, Silvio Bará². Eles estavam sentados nas suas redes e eu no banco com o gravador. A luz do fogo do jirau dos peixes nos iluminava nossa roda de conversa e lá, no fundo também se ouvia os grilos noturnos e sapos coaxando no igarapé próximo de casa.

Para registrar as informações para essa pesquisa foi necessário acompanhar o cotidiano dos meus pais, que às vezes ficaram doentes e cansados dos trabalhos da roça. Para mim, tem sido exercício de uma negociação. E juntos realizamos a construção de informações sobre os conhecimentos de nossos antepassados. Para abrir a roda de conversa foi necessário formular as perguntas semiestruturadas e fechadas na língua Tukano: Quais narrativas que narram os cuidados necessários para uma boa recuperação da saúde? Quais são alimentos que ajudam para uma boa recuperação do doente? Existe uma narrativa específica que narre às origens das doenças e dos males sociais?

Estas perguntas nos levaram a um exercício redobrado para armazenar na memória, às vezes, no meio da narrativa eu me perdia ficando atrasado. Uma coisa difícil para os velhos é recontar a história novamente. Na hora da narrativa não se pode haver questionamento. Quando há alguma intervenção, os velhos não gostam e afirmam que: Se já sabe, porque me perguntas? Perguntar quando for necessário. Por esta razão, levaram alguns dias para escuta e da gravação. E ficávamos em altas horas da noite. Portanto, as questões de pesquisas foram respondidas em forma de narrativa. Às vezes contadas de forma descontraída para não cair no sono.

Narrativa de kamaweri kití³. A quebra de Be'tíse do irmão menor – Parte I (por Dona Francisca e Sr. Benedito)

Como relatou Dona Francisca a narrativa de *Kama-wěéri kití* (certo Ser Glutão como afirma Ramirez, 1997:115), que tem outras versões como a do povo Taliaseri-Phukurana (Tariano) como narram (Barbosa e Garcia, 2000:153-159) *Kamaweni hiwida kalísi* (História das duas cabeças de Kamaweni) e a do povo Desana como contam os narradores (Galvão, Wenceslau e

² Pesquisa de doutorado no início do ano de 2020, realizada num Sítio Itaiçu, no médio rio Tiquié, afluente do rio Uaupés no Município de São Gabriel da Cachoeira, AM.

³ Na ocasião de uma viagem rápida a São Gabriel da Cachoeira, nos dias 07 a 08 de setembro de 2020, alguns tópicos da narrativa de Kama-wěéri kití foram inseridos e sistematizados. Na pesquisa anterior havia faltado alguns tópicos importantes (janeiro de 2020, no Sítio Itaiçu, médio rio Tiquié/Município de São Gabriel da Cachoeira).

Galvão, Raimundo, 2004:624-629) *Kamawerĩ kere* (História de Kamawerĩ) ocorreu às vésperas no tempo de *ĩ'íá* (lagartas comestíveis). Os dois irmãos foram convocados pelo chefe da Casa de Ritual para confecção dos cocares. Os cocares seriam usados no dia de tomar *peêru* (bebida fermentada) e para dançar os rituais de kapiwaya. Os dois irmãos eram *kumuâ* (pajés e mestres de rituais). Eles eram os especialistas na confecção teciam por fileiras de cocares. O irmão maior havia terminado uma fileira dos cocares e só faltava mais uma fileira, ele era muito rápido e seu irmão menor acabou de tecer mais uma fileira e só faltavam alguns para terminar. Como já estava prestes para terminar, o irmão maior avisou para o seu irmão menor que iria à roça para apanhar as folhas de cocas. Enquanto, isto o irmão menor terminaria o serviço. O irmão maior havia falado para o irmão menor, quando fosse tomar banho no rio não olhasse para rio abaixo e sim banhasse olhando para rio acima, na cabeceira do rio. *Wãtiâ kasâ* (jirau dos duendes) ficava próximo do porto em que eles estavam confeccionando os cocares.

Infelizmente, para irmão menor deu uma vontade de tomar banho no rio, o início da situação dramática. Até, então, desceu no porto e tomou o banho no rio. Quando emergiu d'águas, o cheiro dos peixes moqueados que vinha do rio abaixo bateu nas narinas e olhou para rio abaixo. Ele avistou duas mulheres moqueando peixes. Então, elas fizeram um sinal com as mãos para ele vir comer, vendo isto ele desceu nadando até elas e como ele estava com fome, por motivo das dietas alimentares. Ele chegando lá comeu uma boa porção dos aracus moqueados sem descontaminação dos alimentos. E, assim, acabou quebrando *be'tise* como diz (Maia, 2018: 75-180) "Food taboos in Lowland South America" (tabus alimentares em Lowland América do Sul) como menciona (Kensinger e Kracke, 1981) quebrando tabus alimentares comendo os peixes quentes que estavam no jirau e sem proteção para tomar banho no rio.

Porém, o irmão maior havia proibido de comer sem antes da assepsia alimentar e para tomar banho sem antes da proteção dos seres não-humanos e para ele era ficar em casa. Quando estivesse consumindo o pó da coca e fumando cigarro, o irmão maior faria uma proteção e da descontaminação alimentar para eles comerem, depois de mastigado da pimenta a ser liberado para o banho.

O irmão maior já havia enchido seu aturá, porque era acostumado de apanhar as folhas de cocas. De repente, lá da roça, o irmão maior que era *kumû* (pajé), por pensamento metafísico sentiu cheiro dos peixes moqueados consumidos. Logo pensou que seu irmão havia infringido das dietas alimentares, de lá mesmo já ficou bravo. Quando retornou da roça, o irmão maior repreendeu seu irmão menor. O clima entre os irmãos ficou tenso. O irmão menor estava muito

triste e ficou desolado em sua rede. O irmão menor assumiu toda suas atitudes desequilibradas, de que havia quebrado das dietas alimentares e assim procedeu ao castigo de seu irmão menor.

Mahâ poari (Cocares)

Bikârã (Fungos) são as penas dos pássaros como a de tucano, araras, japu e das garças contêm *bikârã* (fungos). *Do'âtisehe* (doenças): *I'sê sââsehe*: yaî, pîro bose (engorduramento sendo a presa da onça e da cobra-grande), *ayâ kose* (picada de jararaca), *yosoputise* (acidentes fatais), *ehêri tohase* (falta de ar). *Basero* (fórmula de benzimento): *Tohô wa'ari niîrã base ka'mota isê sââre* (para não adoecer tem de prevenir). Os cocares são neutralizados desses fungos e dos acidentes fatais e com toda proteção e descontaminação alimentar por meio da pimenta e assim seguir as dietas.

Os primeiros sintomas de *i'sê sâhase* (engorduramento) para irmão menor veio com uma vontade de querer comer peixe assado. Nos primeiros dias, o irmão maior pescava para seu irmão e, aos poucos foi agravando da situação descontrolada. O irmão maior começou dar de comer dos peixes mal-assados, peixes queimados e crus, pois, os peixes eram jogados no fogo. Após duas semanas, a situação se gravou muito e o irmão menor comia muito e as pessoas não davam em conta de oferecê-lo. O irmão maior e demais membro da Casa Coletiva começaram a pensar uma estratégia de eliminá-lo e, ele, cada vez mais estava se engordando, e não dava mais tempo.

Os *Kumuâ* (pajés) da Casa Coletiva pensaram para solucionar a do comilão. A ideia era de cercar do igarapé para depois tinguijá-lo. Então, os homens da casa coletiva foram à noite cercar o rio Malinã com pari para pegar os peixes. Já no outro dia bem cedo foram arrancar nas roças e socar os timbós para tinguijá-lo.

A origem das doenças e males sociais (Parte II)

O irmão menor já estava desfigurado do corpo, ficando obeso demais. O irmão menor pediu que a levasse também para rio que iria ser tinguijado e que deixassem na foz do rio próximo da cerca de pari para vigiá-los. Bem cedo, as pessoas foram embora no local onde iria ser tinguijado e ele ficou sozinho em cima de uns galhos caídos atravessado do rio. De repente, o corpo do irmão menor veio aquele reboição de tanto peixes na barriga.

Na foz do rio Malinã, a carne do corpo do irmão menor veio desmoronar-se. A cada parte do corpo que estivesse caindo no rio proferia um discurso malicioso sobre peixes. A carne do corpo

do irmão menor começou se desmornar no rio transformando em vários os tipos de peixes. De tanto, os peixes caírem ao rio, à cerca de pari ficou aberta, assim começaram afluir ao rio e se espalharam ao rio acima e, ao rio abaixo e muitos deles estão nos rios grandes nestas regiões.

Quando influía a carne do seu corpo fazia o discurso malicioso para surgir vários os tipos de peixes que contem certas doenças e dos males sociais. O processo de defluição trouxe vários os tipos de discursos para nossos antepassados. Para haver muitas intrigas e brigas. Antigamente, as pessoas conviviam unidas entre seus familiares e foi ele que trouxe para esses conflitos de agora. Para envenenar, para haver assopros e das intrigas entre pessoas, para ter inveja, para haver fofoca, etc.

O Kama-wěéri trouxe muitas doenças e dos males sociais. Foi ele que trouxe os alimentos reimosos para a saúde, por causa dos peixes amaldiçoados para serem prejudiciais na saúde das pessoas. Mas também tem poucos peixes para fluir bons pensamentos metafísicos. A cerca de pari não suportou de tantos peixes, acabou cedendo e, assim, os peixes se espalharam aos rios do universo para o rio abaixo e para rio acima.

Muitas pessoas vendo isto do desmornamento da carne do Kama-wěéri começaram voltar para suas casas e, não quiseram mais tinguir. Ele estava só osso e, muitos já voltaram para suas casas sem peixes. O irmão maior havia ficado sozinho e ele já foi informado do que estava acontecendo pelos seus familiares. “*Nós não vamos tinguir mais os peixes. Ele amaldiçoou muitos peixes para ter muitas doenças e para ter os males sociais. Se a gente for comer destes peixes seremos iguais quanto ele*”.

Wa’i wisiorã (peixes reimosos): *pawá* (jandiá), *boteâ* (aracus), *yikê boteâ* (aracus-paus), matrinxã, *doeá* (traíras), *tubuá* (jejuns), *uhuá* (pacus) e *boteâ butîrã* (aracus de cabeças gordas), etc.

Do’atise (doenças): *pia petise* (magresa), *dipôa niâro* (dor de cabeça), *di’tâ ba’ase* (peixe para comer terra), *ditî ba’ase* (peixe para comer carvão), comer do cupimzeiro queimado, *i’sê’koo wese* (excesso de saliva), rangidos dos dentes, amarelão, *wihá kiose* (sonolência), *teóse* (preguiça), *o’mê-peeri pûrise* (zumbido nos ouvidos); *niâri tâ’riro* (tonteira e vertigem). *Wa’yû wa’i* (peixe para hérnia), *bipise wa’i* (peixe para tumores ou inchaços como no nariz, nas costas, na cabeça e nas coxas).

Masá yâ’ase (peixes dos males sociais): *kitî wa’i* (peixe para fofocar); *nimâ wa’i* (peixe para envenenar); peixe para assoprar, *a’mê wêhése wa’i* (peixe para guerrear); *kitî sêri yâ’ase* (peixe para tirar satisfação com vizinho), peixes para más intenções, peixe para inveja, peixe para

fofoca, peixe para mentir, peixes para briga e das intrigas, peixes para mal pensamento, peixe para guerra, peixe para assassinato com arma de fogo e da arma branca, roubos e furtos, assaltos. *Basero* (fórmula de benzimento), como relatou Benedito, os peixes são surgidos do desmoronamento da carne do Kama-wěéri, por isso tem de ser descontaminados e neutralizados de suas substâncias prejudiciais a saúde das pessoas. Todos estes peixes surgiram do Kama-wěéri que são peixes muitos reimosos. Não é que, às vezes nos dá sono, excesso de saliva, rangir dos dentes, às vezes nos dá sonabulo, zumbido nos ouvidos, virtegem. Essa é a razão pelo qual se descontamina dos peixes, dos riachos, dos lagos, dos rios e dos rios grandes. Dos peixes pequenos até dos peixes grandes. Os peixes reimosos são neutralizados e acionados para eficiência simbólica da assepsia alimentar.

A origem e da assepsia das frutas (parte III)

O irmão maior aproximou-se da cerca de pari. Este infeliz perguntava do seu irmão:

“*Mami, mi*”[†] *niití?*” (É você?) - Sim, sou eu. E não foram poucas perguntas desses tipos. Então, seu irmão cansou de retrucá-lo. No entanto, o irmão maior, tirou a coca mascado, com a folha de jacamim fez *pūri pe'toro* (forma de convexo), por pensamento metafísico fez “um sapinho que respondesse por ele”.

- *Weo, weo, weo!* Toda vez que se indagava e este o respondia. Mas ele desconfiava, que, aquela voz não era a voz de seu irmão. - Não é você. - Já te disse que sou eu. - Não é sua voz. É uma voz estranha. Enquanto isto, o irmão maior bem discreto embarcou na sua canoa e veio remando para rio abaixo em direção para sua casa. Ele remava, remava até que cansou, pois, ele se remava só de um lado. De repente, virou o remo para outro lado da canoa, o reflexo do remo bateu ao rosto do irmão menor e de lá mesmo veio voando até que alcançou e fincando na clavícula do irmão maior, e, ele desmaiou por muito tempo dentro da canoa e, assim largou o remo no rio e, depois de muitas horas ele se recuperou um pouco e foi descendo devagar até no porto de sua aldeia.

Os kumuâ da Casa Coletiva pensaram como proceder para tirar a cabeça do kamaweri fincado na clavícula do irmão maior. As pessoas se reuniram para oferecer todos os tipos de frutas que tem ácidos: como cucuras, infelizmente, nada. Quando ele comesse muitas frutas que dê uma sede e que fosse procurar uma água para matar a sede e, assim deixasse da clavícula do irmão. A categoria de especialista (pajés) pensaram e viram a necessidade de criar um grande pomar de ucuqui.

Os tipos de ucuquis: *yôšôwi pupiâ* (ucuqui-pirapucu); *tarokî pupiâ* (ucuqui-sapo) e *kârê pupiâ* (abiu-ucuqui); cucuras e abacaxi. Tipos das pimentas: *boraró biâ* (curupira-pimenta); *yîkê biâ* (paus-pimentas), *ewê biâ* (tuyuka amarelo-pimenta), *musiro biâ* (pimenta-grilos), *awi biâ* (pimentas malaguetas), etc. Estas frutas comestíveis são prejudiciais para a saúde. Antes de qualquer consumo deve pedir do *basedor* (benzedor) para uma descontaminação das frutas. A mãe da criança recém-nascida não deve comer dessas frutas sem antes da assepsia. Para uma criança pode aparecer “candidíase oral na boca da criança” e também, para moça que está ao período da menarca.

Do'âtisehe (doenças) *ehêri pô'ra pûrise* (dor no coração), *ehêri pô'ra ãhîse* (ardência no coração). *Basero* (fórmula de benzimento): tem de usar a fórmula de *kã'rá biâ* (pimenta-buiuiu). O *basedor* (benzedor) neutraliza e transmuta em leite e espuma em buiuiu. Como afirma Senhor Benedito, quando se descontamina das frutas essas são citadas na fórmula para não haver doenças nas pessoas. Às vezes acontece por falha ou por esquecimento do *basedor* (pajé). O ucuqui, abacaxi, pimenta dá uma dor no coração sem antes da assepsia das frutas. Se mãe da criança recém-nascida comer uma dessas frutas vai aparecer “o moníliase na boca da criança” e, assim, também para uma jovem de menarca, uma dor no coração.

Desfecho de um final feliz (parte IV)

Os *kumuâ* (pajés) da Casa Coletiva se reuniram novamente para pensar como proceder para tirar a cabeça do Kama-wêéri na clavícula do irmão maior, que estava cada vez ficando mais fraco e prestes a morrer. Todos eles estavam já cansados de tantas tentativas. Então, as pessoas no local de pomar de ucuqui ofereciam muitos ucuquis misturados com as pimentas bem ardosas. Eles ofereciam os abacaxis passados com pimentas e nada. Quando eles já estavam para desistir, o Kama-wêéri pediu uma água para ele tomar. Então, trouxeram-lhe um pouco d'água. Ele queria tomar mais água, mas, ninguém quis mais pegá-lo. Um dos *kumû* (pajé) criou o bioindicador para indicar onde que fica o rio. O sapinho foi feito da coca mascado por meio de pensamento metafísico para dizer tem por perto um riacho.

Terô, terô, terô! O sapinho bioindicador, onde fica riacho. Quando se ouve desse tipo de coaxar do sapinho e já se sabe que tem por perto um riacho para tomar água ou para banho. “-Voces são muito ruins comigo! Deixa que eu mesmo que vá tomar água no rio”. No desespero e da agonia deles ele saiu da clavícula do irmão maior e foi a direção do rio. Na verdade, era um simples coaxar do sapinho. Quanto mais voava, *terô, terô* ficava longe da frente dele e nunca

alcançava do rio. Porém, este sapinho estava levando para rio abaixo, para longe. Enquanto isto, as famílias se abrigaram na caverna de pedra num lugar seguro. Quando eles entraram na caverna de pedra houve um estrondo de trovão, guriuuuuu! E de lá mesmo deu meia volta e chegou muito tarde. “O pessoal mal havia entrado na caverna de pedra bateu na cumeeira da caverna. Hoje em dia, toda casa tem uma queda na cumeeira da casa. Porque, Kama-wěéri pousou com peso”.

O Kama-wěéri pedia que eles soltassem de seu irmão maior da caverna de pedra. Em vez de soltar o seu irmão maior, os pajés soltavam vários os tipos de animais ferozes do universo para eles devorarem e ele que matava facilmente. E, mais uma vez, os *kumuâ* (pajés) se reuniram em busca da solução. Por pensamento metafísico pediram um apoio do leão do rio abaixo. O *Kama-wěéri* matava facilmente dos animais ferozes, desconfiava que, aquele animal não era seu irmão. Porque, o seu irmão aguentava.

Então, o leão do rio abaixo veio e estilhou a cabeça do Kama-wěéri e dando o fim. Vendo a morte do Glutão, os *kumuâ* (pajés) fizeram toda uma proteção de todas as pessoas e da Caverna de Pedra se defumando com breu branco e do cigarro. Para o irmão maior, fizeram assepsia alimentar, assim ele se recuperou da saúde. A categoria de especialista fizeram o fortalecimento da alma, do coração e do corpo e, assim ele voltou a vida na Casa Coletiva. Por fim, assim puderam tomar seu *peêru* (bebida) bem fermentada da cana, tomaram *kapi* (ayawuasca), dançaram os rituais de kapiwaya usando cocares que foram confeccionados pelos dois irmãos ao período das lagartas comestíveis.

O local da narrativa

Este fato ocorreu no rio Tiquié na fronteira entre Brasil e na Colômbia. A narrativa é do Povo Indígena Tuyuka, Bará, Barasana, etc. O desmoronamento da carne de *Kama-wěéri* aconteceu na foz do igarapé Maliña já na Colômbia. Os velhos desta região afirmam dizer que, estes lugares são para as pessoas quem não tem “*katiró morã* (para pessoas que não tem a vida), os lugares sagrados e cheio de maus presságios para pessoas que não tem a vida”.

Para Dona Francisca, *wâtiâ kasâ* (jirau dos duendes), tudo, o que aconteceu foi neste rio Tiquié, no território colombiano que, antigamente, era um porto para pessoas mortas. No período da lua cheia as pessoas falecidas desciam para porto para tomar banho no rio, no porto, e às vezes se ouvia as conversas das pessoas no porto. Por esta razão, os velhos, quando subiam ou desciam do rio de viagem, as mulheres e as crianças eram proibidos de ver ou apreciar deste

local. É lugar assombroso! Este lugar é de mau presságio para as pessoas. Quem for desta região conhece como *wâtîa kasâ* (jirau dos duendes). O local onde irmão menor havia comido dos peixes moqueados e assim quebrando be'tise. O lugar que se iniciou toda esta narrativa de Kama-wêéri kití para os dias atuais.

Acima da Cachoeira Comprida fica *pupiakari* (pomar de ucuquis) e, até hoje, o pessoal da região colhem os ucuquis. Mas, com certa moderação ao consumo. A Dona Francisca ressaltou, o surgimento da clavícula para nosso corpo, pois, antigamente, nós seres humanos não tínhamos as clavículas. E lembrava que cumeeira da casa que tem uma pequena queda, a qual, a cabeça de Kama-wêéri pousou toda força e peso. E, também, as pessoas chamavam para uma pessoa de comilão de kama-wêéri.

Fim de conversa

Os velhos narram as histórias antigas para seus netos e, no caso aqui, excepcionalmente, na calada da noite, o avô tuyuka conta a narrativa de *Kama-wêéri kití* para sua neta tuyuka, a história verdadeira como disse (Eliade, 1972:6-19). Para Dona Francisca, o avô disse que não contaria os detalhes para ela, pelo fato de ser uma neta, de ser uma mulher e que narraria apenas para escutá-lo.

Primeiro tópico da narrativa vem a questão de *be'tise* (dietas alimentares) de quem confecciona, de quem tece e de quem usa os cocares. Mas também de outro período de resguardo ao pós-parto, como trata o trabalho da Melissa (Oliveira, 2019; Silvio do povo Bará, Barreto, 2019:99-115). Há todo uma confiança do chefe da Casa de Ritual para confecção dos cocares e para serem usados no dia de tomar *peêru* (bebida bem fermentada) também para tomar kapí e dançar kapiwaya, usando os cocares no tempo das lagartas comestíveis. O *bayá* (mestre cerimonial) é mestre dos rituais e especialista para confeccionar os cocares com as penas dos pássaros. O mestre cerimonial confecciona as penas dos pássaros, a de tucano, arara, japu e da garça. Em outros tempos, estes pássaros eram seres não humanos sábios e detentores de conhecimentos tradicionais, por isso carregam esses simbolismos prejudiciais à saúde.

O chefe da Casa Coletiva, após do ritual adota uma regra rígida para todos os participantes da festa. Os cocares foram confeccionados com as penas dos pássaros que tem *bikârã* (fungos), porque foram feitos por meio das dietas alimentares, por isso tem esse risco e perigo de quem confecciona e de quem usa corre um grande risco de acidentá-lo. O chefe da Casa de ritual, bem cedo, convida de todas as pessoas que participaram dos rituais para vim a

mastigar das pimentas benzidas para não ter zumbido nos ouvidos, quando for comer do peixe assado, do moqueado quente e, se defumar todo corpo do breu branco e se baforar do cigarro benzido para proteção contra dos ataques da pessoa não-humana, da picada da jararaca e assim preveni-lo a queda dos cabelos.

Também a narrativa apresenta a origem das doenças e males sociais. Para Dona Francisca, essa parte é complexa da narrativa. Porque, a carne do corpo do kama-wěéri veio se desmoronar no rio transformando em vários os tipos de peixes que tem substâncias prejudiciais à saúde como afirma João Paulo no livro *Omerõ* (Barreto, 2018:42-43). Por isso os velhos temiam dos peixes *wisiorã* (peixes prejudiciais a saúde), porque surgiram da carne do *Kama-wěéri*. Pois, ele exagerou ao consumo dos peixes do mal assados do irmão maior. Os peixes foram amaldiçoados, porque ele era *kumú* e *bayá* (pajé e metre cerimonial).

Para Benedito, *basedor* (pajé) mostra a importância do benzimento da assepsia dos peixes: dos riachos, dos lagos e dos rios, dos peixes pequenos e dos peixes grandes como Silvio Bará tratou na dissertação de mestrado (Barreto, 2019:109); como João Paulo, povo Tukano elencou vários os tipos de peixes (Barreto, 2018:109-117). Exatamente para alimentação dos pais da criança recém-nascida e da jovem da menarca. Outra parte da narrativa menciona sobre o surgimento do benzimento contra das más intenções das pessoas, das invejas, das fofocas, etc, como Dagoberto, povo Tukano apresenta a fórmula de uma boa convivência entre parentela (Azevedo, 2018:68-69). Então, o basedor desarma dessas intenções das pessoas e apazígua para uma boa convivência simétrica.

Os *kumuâ* (pajés) da Casa Coletiva pensaram para se livrar da cabeça do Kama-wěéri que havia fincado na clavícula de seu irmão maior. Os basedores (pajés) por meio de pensamento metafísico viram a necessidade de criar um pomar de ucuqui que fica próximo da Cachoeira Comprida no rio Tiquié. Eles se organizaram em várias pessoas para colher, outras pessoas para quebrar e outras para dar de comer misturando-se com vários os tipos de pimentas bem ardidas, com os discursos e, por pensamento que pudesse deixar da clavícula do irmão maior e, assim fosse tomar uma água no riacho.

As pessoas passavam pimentas ardoas sobre polpa de ucuqui, cucuras, cucuras do mato e abacaxi para sangrar a língua do Kama-wěéri, por isso dá uma dor e queima no coração. Os velhos recomendam que consumam moderadamente dessas frutas e, até hoje, estas frutas e pimentas são neutralizadas e acionadas pelas pimentas de buiuiu para uma boa da saúde das pessoas. Para Benedito, assim surgiu a fórmula de benzimento das frutas do mato e do quintal.

A narrativa trouxe o conjunto de benzimento tem sua eficiência simbólica como enuncia (Levi-Strauss, 1996), *be'tíse* (prática das dietas alimentares), *basamori* (rituais de danças) e, desse tempo que surgiu *ĩ'íá basa* (ritual de dança no tempo das lagartas comestíveis) para Grupo do Tronco Linguístico Tukano Oriental. Quando se quebra tabus alimentares, até nos dias de hoje acontece vários tipos de acidentes fatais nas pessoas. Os cocares tem a vida, por isso exige certa cuidado da saúde. Os pajés temiam muito de adoecer por causa do descumprimento. A assepsia dos peixes e da carne da caça moqueada, das moxiuás moqueadas, evitar de comer alimentos quentes e frios. É assim também para as mães de criança recém nascida e dos filhos pequenos e, da jovem da menarca. As famílias indígenas desta região onde aconteceu isto até hoje temem muito, quando comem os peixes prejudiciais a saúde. A criança ou mãe de criança pequena, toda vez que for se alimentar tem de pedir do basedor uma assepsia alimentar, isto na Colômbia e, no Brasil, para Senhor Benedito, se faz descontaminação de alimentos só de uma vez para uma boa alimentação da criança e da mãe, a ciência do concreto como afirma (Levi-Strauss, 1989). O Kama-wěeri trouxe e surgiram as doenças nas pessoas e males sociais na humanidade. Como o trabalho de João Paulo, povo Tukano (Barreto, 2018) mostra que, atualmente há formações e transformações dessas práticas nas unidades sociológicas e antropológicas.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Suegũ. Dagoberto L. 2018. *Agenciamento do mundo pelos Kumuã Ye'pamahsã. O conjunto dos bahsese na organização do espaço Di'ta Nũhkũ*. Manaus: EDUA: 54-89 (Coleção Reflexividades Indígenas).

BAYARU, Tõrãmu (Wenceslau Sampaio Galvão) & GUAHARI Ye Ñi (Raimundo Castro Galvão) 2004. (Narradores). *Livro dos antigos Desana – Guahari Diputiro Porã*. ONIMRP/FOIRN. São Gabriel da Cahoeira, Am:FOIRN: Comunidade do Pato no Medio rio Papuri. *Kamawerĩ Kere. História de Kamawerĩ* :624-629.

BARBOSA (Kedali), Itaiçu. Manuel M. & GARCIA (Kali), Iauareté. Adriano M. (Narradores). UPÍPERI KALÍSI. 2000. *Histórias de Antigamente. Histórias dos antigos. Taliaseri-Phukurana. (Versão do clã Kabana-idakena-yanapere)*. Intérpretes: Pedro Garcia (Pukutha, São Gabriel da Cachoeira; Benjamim Garcia (Kali), Iauareté. UNIRVA/FOIRN, Iauareté – São Gabriel da Cachoeira, Amazonas – Brasil. *Kamaweni hiwida kalísi. História das duas cabeças de Kamaweni*, p.153-159.

BARRETO, Silvio S. 2019. Transformações pelos baseese nas práticas tukano sobre concepção, gestação e nascimento da criança. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas.

BARRETO, João Paulo L. 2018. OMERÕ: Constituição e Circulação de Conhecimentos Yepamahsã (Tukano), UFAM, NEAI, Manaus/Am, EDUA. Kamaweri, pp.42-43; Baábokasé doenças causadas pela ingestão de alimentos, 86-87.

_____, João Paulo L. 2018. Waimahsã peixes e humanos. Manaus: EDUA. (Coleção Reflexividades Indígenas).

BARRETO, João Rivelino R. 2018. Formação e Transformação de Coletivos Indígenas do noroeste amazônico. Do mito à sociedade das comunidades. Manaus: EDUA. (Coleção Reflexividades Indígenas).

ELIADE, Mircea. 1972. Mito e Realidade. Editora Perspectiva S. A. São Paulo. P. 6-19.

LEVI-STRAUSS, C. 1996. A eficácia Simbólica. In: _____. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro.

_____, C. 1989. O pensamento Selvagem. Tradução de Tania Tellegrini. - Campinas, SP: Papirus. p. 15-49.

MAIA, Gabriel S. 2018. Bahasamori. O tempo, as estações e as etiquetas sociais dos Yepamahsã (Tukano). Manaus: EDUA. 115; 175-180 (Coleção Reflexividades Indígenas).

OLIVEIRA, M. Santana de. 2019. Vida, poder e conhecimento: cuidados contemporaneos em torno do nascimento entre grupos Tukano Orientais do medio rio Tiquié, noroeste Amazonico. Pós doutoranda em Antropologia Antropologia Social (PPGAS-UFSCar). 11 (1), jan./jun.35-64.

RAMIREZ, Henri. 1997. A Fala Tukano dos Ye'Pâ-Masa Tomo II Dicionário. Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia, CEDEM.

Working Papers on South American Indians. 1981. Number 3, August. Food taboos in Lowland South America. Kennneth M. Kensinger and Waud H. Kracke, Editors: Food taboos and the balance of oppositions among. The Barasana and Taiwano. Thomas A. Langdon. Cedar Crest Colleg:56-75.